

Texto: Asier Mendizabal  
Tradução e edição: Susana Camanho  
Produção: Rita Senra, Pedro Huet  
Montagem: Rita Senra, Pedro Huet e Carlos Campos  
Design: Mlacedo Cannatà  
Programa público: Sara Rodrigues, Rodrigo Camacho  
Programa editorial: Maria João Mlacedo  
Desenhos ploter: Oficinas do Convento  
Agradecimentos: ProjecteSD, Joey Ordoñez  
e Tiago Fróis

Apoio à exposição:



A equipa do Sismógrafo é composta por:  
Emídio Agra, Rodrigo Camacho, Susana Camanho,  
Pedro Huet, Maria João Mlacedo,  
Hernâni Reis Baptista, Sara Rodrigues,  
Rita Senra e João Pedro Trindade.



O Sismógrafo tem o apoio:

# ASIER MENDIZABAL E Mlacedo Cannatà

Asier Mendizabal  
23 Março–11 Maio 2024

A  
*Plateau (Pliegue)*, 2023  
Alumínio fundido, PVC, tinta

B  
*Lingua corrente (segida 1)*, 2024  
PVC, tinta, alumínio fundido lacado

C  
*Lingua corrente (segida 2)*, 2024  
PVC, tinta, alumínio fundido lacado

D  
*Condensar (amnesia funcional)*, 2024  
Corrente de aço galvanizado, algodão, abraçadeiras

E  
*Condensar (red thread)*, 2024  
Corrente de aço galvanizado, algodão, abraçadeiras

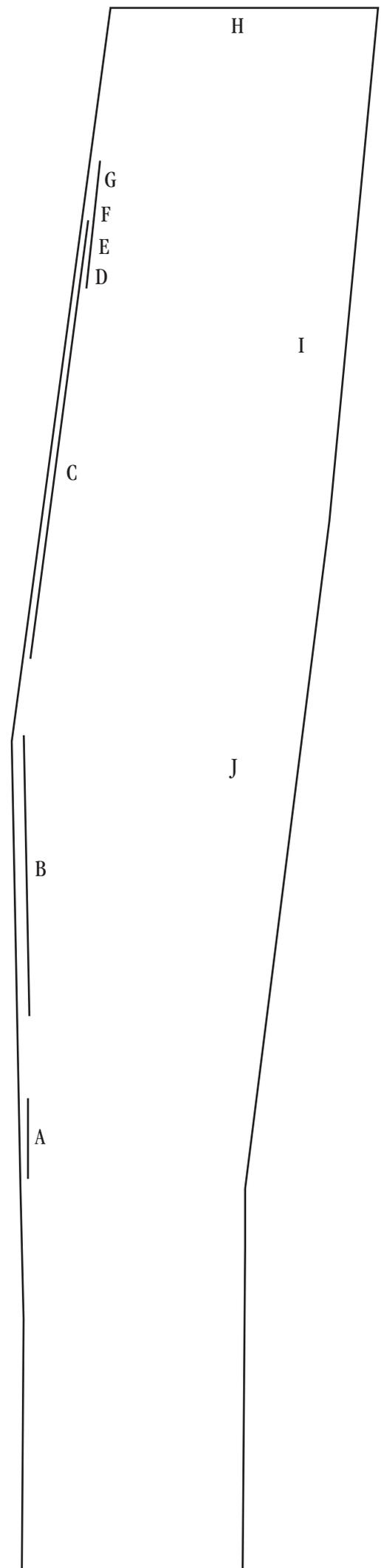
F  
*Condensar (Beilegi)*, 2024  
Corrente de aço galvanizado, algodão, abraçadeiras

G  
*Überbau (8 Ordu)*, 2005  
Impressões offset

H  
*Lingua Corrente (#1)*, 2024  
PVC, tinta, aço lacado

I  
*Condensar (Sirikka Lehto)*, 2024  
Corrente de aço galvanizado, algodão, abraçadeiras

J  
*Condensar (Corrente)*, 2024  
Corrente de aço galvanizado, algodão, abraçadeiras



# Conversa com Asier Mendizabal

Domingo, 24 Março 2024  
16:00

Entrada gratuita

# Actividade Pó-Linguístico com Vuduvum Vadavã

Domingo, 7 Abril 2024  
15:00–18:00

Participação gratuita  
Inscrições limitadas  
[publicos@sismografo.org](mailto:publicos@sismografo.org)

Existe o pré, o pró, o pós e o pó.

Ó!

Q ling ué est?

Subtrair

Trair

Ir

I

.

A partir da exposição *Linguagem/Corrente* de Asier Mendizabal, Vuduvum Vadavã provoca-nos com um Workshopó-Linguístico. Propõe-se trabalhar a língua, despoletar o lado onomatopaico, a ver como surge o que não se escreve, ou que cai da língua escrita, para o mundo da língua falada ou balbuciada a quente. A tosse, o espirro, o ritmo das infinitas formas de respirar, a sub-uterância indecifrável. Esvaziado o corpo de significado, partimos do vazio como premissa. Do silêncio. Em terrenos mais limpos, libertos de referências ou de conceitos, surgem as primeiras partículas de voz. Através de gestos manuais, codificamos esses objetos atómicos. Como se simbolizam estas palavras? Como as traduzimos em desenho? Todas estas inscrições se enrolarão por fim numa própria língua.

**ASIER MENDIZABAL** (Ordizia, Gipuzkoa, Espanha, 1973), vive em Bilbao e Estocolmo, onde é professor no Royal Institute of Art. Exposições recentes incluem a participação em Art and Space no Museu Guggenheim, Bilbao (2017), e uma exposição individual na Fundación-Museo Jorge Oteiza, em Alzuza (2018). Realizou exposições individuais em Raven Row, Londres e Museo Reina Sofia, Madrid (ambas em 2011), Culturgest, Lisboa (2010), e MACBA Barcelona (2008). Participou na 34ª Bienal de São Paulo (2014) e na 53ª Bienal de Veneza (2011). O seu trabalho foi apresentado em exposições colectivas na Seccession, Viena, e Kunstverein Düsseldorf (2015), Galerie für Zeitgenössische Kunst, Leipzig (2012), ou Museu de Serralves, Porto (2010). O artista apresentou projectos específicos no Alabado Contemporâneo, Quito e na capela de Otzuarte, Espanha (ambos em 2016) e no San Telmo Museo, San Sebastian, Espanha (2014). Uma parte importante da sua prática é baseada no processo de escrita.

**VUDUVUM VADAVÃ** nasceu no Porto e é metade da dupla Von Calhau! com João Artur. A sua paixão reside no absurdo, no estado selvagem e primitivo da linguagem, do pré-verbal ao palíndromo e outros jogos de palavra rebuscados. Essa investigação incide sobre a relação dos contrários, que podem ser complementares ou repelentes na sua combinação. Nas artes visuais e não visuais, canto/voz, performance, circuit-bending ou como DJ experimenta o ruído e o silêncio numa deriva conduzida pelo desconhecido.

# Linguagem/Corrente

1.

É uma surpresa para quem não fala português que a palavra normalmente utilizada para designar cadeia seja “corrente”. Há qualquer coisa de contra-intuitivo nesta ideia de deslocação que, por sua vez, denota uma deslocação na própria linguagem. É surpreendente que uma imagem que evoca a subjugação, que simboliza conceitos genéricos como a opressão ou a escravatura e que nos remete para o impedimento do movimento de alguma coisa ou de alguém, partilhe o nome com aquilo que flui, com aquilo que corre. E denota uma deslocação da própria linguagem, dizia, porque é fácil reconstituir, em sentido inverso, a cadeia de fonemas que, na sua transformação progressiva (*sound shift*, como lhe chamam os linguistas), formam a sua etimologia até ao latim *currere* e, a partir daí, até à voz *\*kurs* das línguas pré-indo-europeias, ambas designando o simples acto de correr. A deslocação dos sons transformados em palavra ao longo das línguas e dos tempos leva-nos, invertendo o curso dessa progressão, agora para a frente, por uma inesperada bifurcação, do *\*kurs* e do *curro*, ao inglês *horse*. O animal que corre. A etimologia, arqueologia da linguagem, utiliza como material os fonemas, por vezes desligados da sua correspondência com o sentido, ao ponto de revelar uma ligação entre o animal que corre livremente e a corrente que o prende.

Se o significado assenta no signo (na palavra, no fonema, na imagem) por condensação, a linguagem, enquanto motor do pensamento e do desejo, funciona por deslocação. Esta é a diferença entre metáfora e metonímia. O que produz o sentido é o fluxo intangível de um som para outro, de uma forma para outra. O significado não está preso a nenhum ponto específico da corrente, o sentido aparece como um fluxo e só pára, provisoriamente, sob a forma de encontros entre o fluir simultâneo e indiferente da linguagem e do mundo.

2.

A ortografia é uma regra, a caligrafia uma técnica, segundo Rafael Sánchez Ferlosio. As regras que regem a linguagem escrita são uma convenção de natureza diferente da dos signos da escrita, que servem de padrão para reconhecermos o valor diferencial das letras. Por muito que se aprenda a escrever copiando um modelo tão fielmente quanto o traço o permita, o registo subjetivo do gesto apresenta infinitas variações que, no entanto, são inequivocamente identificadas como um *a* ou um *v*. Que a escrita seja uma técnica significa também que existe uma gama de variabilidade nas suas possíveis execuções, quer sejam da ordem do gesto na caligrafia, quer sejam da ordem tecnológica nos diferentes caracteres impressos mecanicamente ou retroiluminados eletronicamente num monitor. As tipografias *stencil* foram concebidas para reproduzir à mão os contornos de letras e de outros signos, mas submetendo o gesto aos limites de uma forma recortada. O carácter visual único das letras esgrafiadas deve-se, pois, à sobreposição imprecisa destas duas técnicas, a do gesto manual e a do padrão mecanizado. O facto da sua utilização estar associada a situações de certa urgência, como a etiquetagem de mercadorias ou a utilização militar prototípica, fez com que viesse a ser

apropriada pelas culturas urbanas e pela propaganda militante. Mas mais importante do que estas ligações e associações é a analogia proposta neste forçar do gesto do traço ao contorno de uma dada forma. Sujeitar o correr da mão à margem de um vazio.

3.

As esculturas que, nesta exposição, têm por título *Condensar* são o resultado formal de um simples princípio gerador: a união aleatória de diferentes elos de uma corrente com uma abraçadeira, sucessivamente, até à sua completa imobilização num aglomerado, que se assemelha, sempre e estranhamente, à imagem esquemática que temos de um cérebro. Esta fixação aleatória de dois pontos numa corrente condiciona as eventuais ligações seguintes, limitando as opções até ao fecho da forma, quando nenhum elo está solto e a corrente fica totalmente imobilizada.